

A ATUAÇÃO DE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PROFISSÃO DOCENTE

Erivaldo Bezerra ¹ e Maria José de Jesus Alves Cordeiro ²

Resumo

Ao longo dos anos a educação passou por muitas mudanças e conforme ocorreu a evolução e o desenvolvimento da sociedade ela também se transformou. Há muito tempo sabe-se que a arte de ensinar e educar foi, e ainda é, na maioria das vezes, exercida por mulheres. Apesar do progresso nos ideais e valores na sociedade, são poucos os homens que se dedicam ao cargo de professor, principalmente na educação de crianças pequenas. A pesquisa buscou analisar a situação dos professores homens na docência da educação infantil, demonstrando as principais dificuldades e desafios que enfrentam no desenvolvimento de suas funções. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico com a apresentação de algumas questões pertinentes ao tema e posteriormente apresentou-se o resultado de uma pesquisa de campo feita por meio da aplicação de um questionário a dois professores da educação infantil na cidade de Dourados – MS. Com os resultados, constatou-se que a sociedade, pais e instituições educativas ainda não aceitam completamente que homens atuem como professores na Educação Infantil e, quando isso acontece, suas atividades são limitadas. Muitos educadores enfrentam discriminação e preconceito entre os próprios colegas desde os cursos de graduação e, posteriormente entre os colegas de trabalho. Assim, torna-se fundamental uma mudança nos valores e conceitos vividos por toda a população brasileira, para que, cada vez mais, os homens possam exercer a docência na Educação Infantil com o respeito e a confiança profissional que são dadas às mulheres.

Palavras-chave: gênero; homens pedagogos; preconceito.

MAN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF THE TEACHING PROFESSION

Abstract

Through the years, the education went through several changes and as occurred the society development and evolution it also changed. It has long been known that the art of teaching and educating has been, in most of cases, carried out by

¹Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Docente da Rede Pública Municipal de Dourados / MS.

²Doutora e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Pós doutorado pelo Instituto de Educação/UFMT com bolsa CAPES. Docente no curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).



women. In spite of the progress in ideals and values of society, there are few men who are dedicated to be teachers, principally in childhood education. This article seeks to analyze the situation of male teachers in childhood teaching, demonstrating the main difficulties and challenges they confront in development of their functions. For this, we developed a bibliographic study, with the presentation of some relevant questions to the topic, and then we presented the results of a field research – done through the application of a questionnaire to two childhood education's teachers of the Dourados city. With the results, we found that the society, parents and educational institutions still do not accept completely that men work as teachers in the childhood education; when it happens, their activities are limited. Many educators face discrimination and prejudice of their undergraduate colleagues, and later among their co-workers. Therefore, it is necessary a change of values and concepts experienced by the Brazilian population, so that more and more the men can exercise the teaching in the childhood education with respect and confidence that are given to women.

Keywords: gender; male pedagogues; prejudice

1. Introdução

A sociedade passou por muitas transformações ao longo dos anos, sejam mudanças tecnológicas, sociais, econômicas ou políticas. No mercado de trabalho tanto o homem quanto a mulher foram conquistando espaços e diminuindo preconceitos.

Assim como as mulheres passaram a ocupar diversos postos de trabalho que, até então, eram exercidos pelo homem, este também mudou seu comportamento ao, por exemplo, se comprometerem com a execução dos afazeres domésticos, no cuidado e na educação de filhos/as. No entanto, ainda existe a ideia de que o ato de cuidar e de educar é função da mulher, o que acaba refletindo também em outros setores da sociedade, como na educação de crianças pequenas¹ (XAVIER, 2013).

Por muito tempo, na educação infantil, o educar e o cuidar eram considerados como atividades que seriam desenvolvidas apenas por mulheres. Marcado pela cultura feminista, o ato de zelar pelas crianças era exercido apenas como uma atividade corporal, no qual as mães e outras mulheres próximas às crianças poderiam exercer. O cuidado com os mais novos era responsabilidade da mulher e considerada como uma atividade doméstica.

Decorrentes desse processo histórico, o trabalho docente tornou-se ao longo dos anos uma atividade exercida principalmente pelo sexo feminino. Segundo o primeiro Censo do Professor feito em 1997, 85,7% da categoria era

¹A expressão "crianças pequenas", no documento indicador de qualidade na educação infantil (BRASIL, 2009) é um termo utilizado para se referir as crianças de um ano e meio aos três anos e onze meses de idade. Porém nesse artigo, ao referir-se "crianças pequenas" relata-se de crianças do maternal à pré-escola.

composta pelo gênero feminino, enquanto apenas 14,1% pelo masculino (VIANNA, 2001).

Atualmente, em especial na Educação Infantil, a docência é ocupada, em sua maioria, pelas mulheres, percebendo-se claramente que a sociedade ainda designa a elas, a função de cuidar e educar, vistas como uma extensão do lar. Desse modo, em decorrência dessa desigualdade, o presente artigo, fruto de pesquisas bibliográfica e de campo busca analisar os desafios enfrentados pelos homens nessa área de atuação, trazendo como exemplo algumas experiências ocorridas e vivenciadas por dois educadores na cidade de Dourados / MS. Procurou-se fazer uma análise e destacar a importância da figura masculina na formação de crianças pequenas nos Centros de Educação Infantil.

2. A feminização da docência

Sabe-se que ao longo do desenvolvimento da sociedade, as mulheres foram conquistando espaço no mercado de trabalho. Com a imagem de mãe, cuidadora e responsável por ensinar e educar, a mulher ganhou importância e destaque na educação. Com um pressuposto de fragilidade e abandono no desabrochar da revolução industrial, as crianças de camadas populares eram atendidas em instituições que além de assistencialistas eram instituições femininas, por isso, as tarefas de zelar do bem-estar e da educação serem direcionadas apenas às mulheres, uma vez que o gênero feminino era visto como uma substituta perfeita da figura materna. (KUHLMANN, 1998).

Importante ressaltar que, inicialmente, o ato de ensinar era realizado na maioria por homens. Todavia, com os baixos salários e a presença das mulheres, que aceitavam esses poucos rendimentos, tornou-se frequente a sua atuação na educação. Assim, aos poucos, os homens começaram a deixar a docência, afirmando que as mulheres tinham aptidão para a referida função, pois estas atividades eram vistas como a extensão do lar (SANTOS, 2008).

Antes mesmo do século XX, nos finais do século XIX, a feminização da docência já se iniciava e se fortalecia após a República. Nesta transformação da sociedade, com ideais progressistas, havia a ideia de que escola seria o lugar para domesticar, cuidar, amparar e educar. Essa crença se prolongou nas décadas seguintes à Proclamação, que transmitiu às mulheres a responsabilidade de acompanhar a infância e moralizar os costumes (ALMEIDA, 2006).

Mesmo em decorrência dessa conquista das mulheres, na educação, ela só foi conseguida pelo seu papel de mãe, pois são elas as encarregadas da educação dos filhos e filhas. Sua atuação, portanto, se justificava não pelos anseios ou necessidades, mas em função social de educadora dos filhos e filhas e formadora de futuros cidadãos e cidadãs (LOURO, 2006). Quanto à atuação feminina na educação, Vianna (2001), ressalta que:

Nesse período, nota-se não só a propensão de as mulheres dirigirem-se ao ensino primário, tendo-o como mercado de trabalho, mas também a ampliação da presença feminina em

outros níveis e modalidades de ensino. No final do século passado, o caráter fundamentalmente feminino da Educação Básica já estava mais que configurado. (VIANNA, 2001, p. 86).

Assim, observa-se que essa feminização, percebida desde o século XIX, concebe a mulher a função de educar devido às suas características maternas, o que resultou na ausência de homens na Educação Infantil, fato este que se comprova nos cursos de Pedagogia, onde a maioria é mulheres.

3. As relações entre gênero e a importância do homem na docência infantil

Observou-se anteriormente que a figura da mulher predomina na docência, principalmente na Educação Infantil, trazendo como consequência a diferença de gêneros na docência. Nesse sentido, Santos (2015) apresenta a seguinte análise:

Nesse contexto, percebemos a docência infantil desenvolvida por “professores homens” se desenvolve, muitas vezes, em meio a preconceito, estigmas e desvalorização. Cabe salientar, que as relações de gênero também se configuraram no decorrer da história do Brasil. O patriarcalismo e o autoritarismo influenciaram em sérios processos de exclusão da mulher, negros, homossexuais, entre outros, na história brasileira. (...) Desse modo, por gênero pode-se entender as “determinações” que a cultura educacional faz às atribuições de papéis sociais pelo sexo da pessoa. Porém, a educação pode contribuir na mudança e ressignificação da atribuição dos papéis ou da relação entre a diferença entre os sexos. Esse é o papel da educação, e com a qual as ciências sociais possuem uma grande preocupação: o de desnaturalizar as relações e construir novas formas de pensamento. (SANTOS, 2015, p. 1).

As diferenças entre os gêneros, portanto, são oriundas de um processo histórico que vem se afirmando com o desenvolvimento da sociedade. A mulher é considerada, desde o início, como a responsável por instruir, amar, dedicar-se à criação dos filhos e aos trabalhos domésticos, o que se refletiu e reflete na educação até os dias atuais.

Para Santos (2008), as relações de gênero devem ser analisadas num contexto amplo, o qual estabelece significados para as diferenças corporais. Portanto, gênero é construído socialmente e, desde que a pessoa nasce, são esperados alguns padrões de comportamentos para homens e mulheres, incluindo a divisão sexual do trabalho, e esses padrões mudam de uma cultura para outra. Quanto às relações de gênero na docência, Rabelo (2013a) ressalta:

Como existem formas diferentes de enxergar o mundo, a diferenciação de gêneros acaba trazendo implicações para o magistério, principalmente nos discursos das competências necessárias para ensinar crianças mostrando-os como atributo

feminino, desta forma, o sexo masculino historicamente diminuiu drasticamente a sua participação nos setores educativos, tanto na área administrativa quanto na atuação pedagógica junto às crianças. (RABELO, 2013a, p. 217).

Nota-se que é nessa relação de gêneros que o homem acaba sendo excluído da docência, pois a imagem feminina, com o passar dos anos, acabou sendo figura principal vista como a responsável por educar e transmitir valores.

Progressivamente, os homens começaram a se distanciar da educação, principalmente na educação de crianças pequenas, por vários motivos, como por exemplo, o surgimento de outras e melhores oportunidades de emprego, além da docência e, nesse caso, por estar associada à maternidade. Embora seja possível notar a presença do gênero masculino, trata-se de uma minoria (RABELOa, 2013).

Alguns autores como Erden et al. (2011) buscaram apresentar os benefícios da docência exercida por homens na Educação Infantil e destacaram que ela poderia suprir a ausência do pai (para aquelas crianças criadas apenas pela mãe); ser modelos positivos do papel masculino para as crianças; despertar o interesse dos meninos pelos estudos; apresentar relações de gênero saudáveis, além de demonstrar equidade de gênero na formação inicial das crianças (MONTEIRO; ALTMANN, 2013).

Constata-se, desse modo, que existem diferenças de gêneros, mas cada um possui sua importância e função na docência. Ou seja, os homens também possuem significativa participação na educação, atuando como modelo de igualdade, comprovando que também podem ser incumbidos de instruir e formar cidadãos.

Existe uma necessidade de desmistificar a cultura de que o ato de educar crianças pequenas é uma profissão voltada especificamente para mulheres, pois ela pode ser exercida também por homens que estejam qualificados para tal. Não se pode aceitar que os preconceitos inerentes ao gênero de profissionais que trabalham com a educação de crianças pequenas, seja o princípio fundamental para quem almeja exercer a profissão.

Analisando-se a figura masculina na docência, Oliveira (2015) explica que os homens são importantes pelo Princípio da Homogeneidade e pela Educação da Masculinidade. O Princípio da Homogeneidade fundamenta-se na diferença existente entre o homem e a mulher. As diferenças decorrem não somente no corpo, mas na afetividade e na racionalidade. Já a Educação da Masculinidade é outro motivo para que os homens exerçam a docência infantil, pois o educador ensina não somente com o que diz, mas também com o que é. Assim, os educandos precisam de perfis masculinos nas instituições de ensino para se espelharem e terem como referenciais.

Apesar da importância do papel masculino, ainda na educação infantil predomina-se a atuação feminina, como salienta Gonçalves (2009):

O que podemos notar é que, especialmente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, são poucos os homens que atuam como docentes. Nesta perspectiva justamente numa fase da formação humana em que é importante haver o contato da criança com homens e mulheres. Apesar de que a própria sociedade talvez não tenha tanta facilidade em aceitar muitos homens trabalhando com crianças, devido às representações predominantes de que as mulheres é que têm maiores habilidades para desenvolver o trabalho educativo. (GONÇALVES, 2009, p. 13).

À luz dessas observações, é possível dizer que a baixa incidência de homens na educação infantil é resultado da discriminação da sociedade, ao considerar que somente as mulheres têm o dever de educar. Os homens, atualmente, realizam diversas atividades que antes eram apenas função das mulheres. Em decorrência da evolução da sociedade, ao mesmo tempo em que as mulheres vêm, ao longo dos anos, ganhando mais espaço no mercado de trabalho, os homens por sua vez, começaram a participar mais ativamente das atividades domésticas e cuidado com os filhos (BRUSCHINI, 2012).

Outro elemento importante que deve ser considerado é o fato de que uma parcela da sociedade enxerga o homem como um risco para a integridade física do educando, uma vez que a figura masculina está associada há inúmeros casos de pedofilia ocorrentes no Brasil. Dessa maneira, o processo de feminização da educação de crianças pequenas, que pode ser notado em todos os contextos de ensino e aprendizagem no Brasil, tornou-se um empecilho para profissionais do sexo masculino, que porventura tenham interesse de atuarem nessa área. Destarte, a visão preconceituosa do homem como um ser perverso e possível abusador, que deve manter-se longe da educação de crianças, precisa ser desfeita (SAYÃO, 2005).

Assim sendo, como sugerem as discussões propostas por Santos (2008) e Monteiro (2013), os preconceitos e estereótipos relacionados à presença masculina na formação de crianças, e estereótipo arraigados em nossa sociedade, precisam ser amplamente debatidos e superados, pois como apontado pelos autores, desde a mais tenra idade a criança tem necessidade de ter contato com a diversidade de gênero, de modo que tenha auxílio integral de sua personalidade, aprendendo a respeitar as diferenças.

O que podemos notar, no quadro atual, é que, quando se trata da voz masculina na educação de crianças pequenas, a qualidade da formação do educador e competência metodológica aplicada ficam em segundo plano. Sendo seu gênero o elemento de maior relevância. Portanto, não parece profícuo, do ponto de vista da eficiência dos processos de ensino e aprendizagem, aceitar acriticamente a imposição de tais barreiras, fruto de mero preconceito e criadas para restringir o acesso de homens à docência infantil, tornando este ambiente, excludente e preconceituoso.

4. A escolha dos homens pela profissão docente e as disposições da LDB

Em qualquer área a escolha por determinada profissão envolve muitos aspectos, sejam pressões internas, relacionadas às angústias e incertezas, sejam externas tanto originadas na família quanto na sociedade, decorrentes do status, do emprego e da sustentabilidade. Em relação ao trabalho do homem com crianças pequenas, a pressão e o preconceito são maiores, principalmente no início da formação educacional das crianças (OLIVEIRA, 2015).

Na pesquisa realizada por Rabelo (2013b), a mesma destaca que os homens que atuam na docência infantil escolheram essa profissão por, em primeiro lugar, gostar de ser professor, de ensinar e formar. Em segundo lugar afirmaram que gostam de crianças, enfatizando que não só as mulheres são motivadas pelo "gostar de crianças", mas os homens também, defendendo que podem ajudá-las a crescer e aprender com elas.

A própria legislação brasileira, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) em nada discrimina a escolha dos homens pela docência, ao contrário, somente determina os requisitos para se considerarem profissionais da educação. Assim, a LDB (BRASIL, 1996) apresenta o seguinte:

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;

III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim;

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (BRASIL, 1996).

Verifica-se que a LDB (BRASIL, 1996) não expõe como requisito o gênero feminino para exercer a docência em nenhuma de suas etapas, mas apenas determina a habilitação adequada. Assim, não há qualquer forma de preconceito, bastando apenas a competência para assumir o cargo. Muitas vezes, a baixa incidência de homens na educação infantil é o reflexo da própria discriminação e imposição da sociedade, defendendo a ideia inicial de que

somente as mulheres podem cuidar, educar e amar as crianças, sendo tal sentimento e atitude proibida ao gênero masculino.

Importante ressaltar que nas instituições públicas a admissão dos funcionários que ocorrem mediante concurso público, não exige nenhum critério de seleção relacionado ao sexo. Já as contratações temporárias, além das escolas privadas, estabelecem outros requisitos, no qual o gênero pode interferir diretamente na aprovação ou não de quem almeja a vaga.

Isso se comprova numa pesquisa realizada por Abreu (2002). Seu trabalho apresentou o depoimento de um dos proprietários de uma escola particular de Teresina - PI que destacava como um dos critérios para admissão dos professores era o gênero do educador. A instituição em questão não contratava homens para trabalhar com crianças. Conforme a explicação de um dos entrevistados, o homem não tem jeito para atuar com as crianças e não tem a mesma afetividade da mulher.

No caso citado no parágrafo anterior, observa-se que ainda existem barreiras em relação à presença do professor do sexo masculino trabalhar na Educação Infantil. A partir das diferenças sexuais a sociedade acaba determinando valores, determinando o que cada pessoa pode ou não fazer. (ABREU, 2002).

Á partir da investigação até aqui realizada, é possível dizer que o educador do sexo masculino, no que se refere ao contexto de Educação Infantil, tem grandes chances de ser rejeitado na área em que escolheu atuar, mesmo que tenha uma boa formação acadêmica. Além disso, ainda que alcance uma posição no mercado de trabalho, estará sujeito frequentemente a lidar com preconceitos e dúvidas sobre sua conduta, competência dentro da instituição educacional.

Com o passar dos anos, o aumento da atuação do docente do sexo masculino no ambiente escolar, mais especificamente na Educação Infantil, tem contribuído para que se possa desfazer muitos dos preconceitos construídos sobre a imagem masculina nessa fase da educação. Dessa forma, já é possível notar alguns avanços no sentido de desmistificação e quebra de tabus em relação a esse profissional, conferindo-lhe a chance de mostrar sua qualificação e comprometimento pela função exercida. Tal fenômeno tem um caráter humanizador, uma vez que esse tipo de educador deixa de ser visto como um potencial agressor e passa a ser reconhecido como um importante elemento no processo de construção de uma sociedade sem preconceitos. (SAYÃO, 2005).

Todavia, nota-se que mesmo com os progressos e transformações ocorridas na sociedade, ainda há muitas ideias e barreiras que precisam ser quebradas e na educação inicial das crianças, em muitos casos, ainda é possível notar a presença da ideia de que o homem é um *outsider*. É justamente por essa razão que trabalhos desse tipo adquirem, de certa forma, uma importância orgânica no sentido de combater preconceitos e pensar uma Educação mais plena e incluyente.

5. Metodologia

Este artigo é fruto de uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, na qual usou-se como instrumento de coleta de dados um questionário aplicado a dois professores homens que atuam na educação infantil, em duas instituições de ensino públicas na cidade de Dourados – MS.

De acordo com Gerhardt; Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não visa a representatividade numérica, mas sim, o aprofundamento da compreensão de um grupo social. O objetivo dos pesquisadores é explicar o porquê das coisas, analisando o que convém ser feito. Trata-se de um estudo que busca entender o significado, os motivos, as crenças e os valores.

A realização de estudo de caso na educação visa estudar um único caso, quando o pesquisador tiver interesse em analisar uma determinada situação particular. Ludke; André (1986, p. 17) ressaltam que “o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo”.

Além disso, realizou-se ampla leitura e discussão de textos teóricos pertinentes ao tema objeto do trabalho, de modo que a análise de caso pudesse ocorrer sobre a luz das discussões teóricas já iniciadas por outros autores. Nesse sentido, o trabalho buscou uma afluência entre teoria e prática, de modo a debater o tema proposto da maneira mais profícua possível.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se, além da análise bibliográfica, a pesquisa de campo, que se caracteriza pela realização de coleta de dados junto às pessoas. De posse dos dados foi realizada a análise de conteúdo que segundo Lakatos; Marconi (1991) trata-se de uma técnica de pesquisa com o intuito de descrever objetiva, sistemática e quantitativamente um conteúdo. Neste caso, o trabalho envolveu a apreciação do questionário preenchido pelos educadores com o objetivo de verificar o início e o desenvolvimento de suas profissões como docentes na Educação Infantil. Os dados foram analisados com base nas consultas de fundamentação teórica, obtida com o referencial bibliográfico, ou seja, publicações de livros e artigos científicos a respeito do tema em questão. São essas análises que serão apresentadas e discutidas a seguir.

6. Dialogando com homens docentes na Educação Infantil de Dourados – MS

A pesquisa de campo ocorreu com a entrega de questionário a dois professores do sexo masculino. O primeiro professor, chamado nesta pesquisa de Professor A, tem 33 anos, é formado em Pedagogia e Economia, há três anos é professor e atua como educador no maternal 2, em um Centro de Educação Infantil Municipal – CEIM da cidade de Dourados-MS. O segundo, Professor B, formado em Curso Normal Superior, tem 37 anos, há 16 anos é professor e trabalha na pré-escola de uma instituição municipal da mesma cidade. Lembrando que a escolha das vogais A e B para se referir aos educadores, se deu para que a identidade dos mesmos seja mantida em sigilo.



Na primeira pergunta do questionário analisou-se quais os principais motivos que fizeram os entrevistados se interessarem pela área da Pedagogia, principalmente pela Educação Infantil. O Professor A afirmou que escolheu porque seria um curso para o qual poderia passar no vestibular e conseguir uma educação superior, mas também por tratar-se da área das ciências humanas, na qual teria facilidade com o conteúdo. Já o Professor B ressaltou que desde a infância sempre quis ser professor, sempre gostou de crianças e a sala de aula o inspira a ser criativo, a usar a imaginação.

Observa-se, neste caso, que os motivos diferem entre os dois educadores, sobre o que os influenciou na escolha do curso. Um deles destaca como motivo a facilidade com o conteúdo da área de ciências humanas, enquanto que o segundo apresenta que a vontade de ser professor surgiu desde a infância.

A segunda pergunta referia-se às dificuldades que estes educadores enfrentaram quando fizeram o curso de Pedagogia. O Professor A destacou que os principais problemas estavam relacionados com a convivência com as demais discentes na turma, já que ele era o único homem no curso. Já o educador B, que não cursou Pedagogia, mas o Curso Normal Superior e afirma que não encontrou dificuldades.

Na terceira questão foram indagados se receberam incentivos das colegas mulheres e dos(as) docentes durante o curso superior. O Professor A destacou que somente foi incentivado pelos(as) docentes, enquanto que o B afirmou receber apoio tanto dos(as) professores(as) quanto das colegas, pois o conheciam e até trabalhavam juntos.

A quarta pergunta foi elaborada para saber se os entrevistados participaram durante a graduação de algum programa de bolsa de pesquisa, ensino ou extensão durante sua formação acadêmica. O Professor A respondeu que na graduação em Pedagogia não pôde participar devido à carga horária de trabalho que possuía. Já na segunda graduação, trabalhando somente meio período, conseguiu realizar algumas pesquisas. O Professor B respondeu apenas que não participou de nenhum programa de bolsa ou pesquisa.

A quinta questão foi realizada com o intuito de verificar como foi para os pesquisados o início do trabalho como professor na Educação Infantil (a relação com os pais, colegas, coordenação e com os alunos).

O educador A afirmou que no início foi muito difícil. Após a aprovação em concurso, a Secretaria Municipal de Educação, por conveniência, determinou que ele ocupasse um cargo administrativo. Posteriormente, devido à necessidade de educadores na instituição na qual estava trabalhando, sua função foi alterada do administrativo para o pedagógico. Nos primeiros dias de aula, segundo o mesmo, se sentiu pressionado, mas através da equipe de trabalho e de reuniões com os pais, o estranhamento inicial foi dissipado. Os colegas de trabalho sempre o apoiaram e, atualmente, não possui dificuldades em trabalhar com a equipe.

De acordo com o relato citado anteriormente, percebe-se que em relação à figura masculina nas Instituições de Educação Infantil, ainda causa certo “temor” até mesmo naqueles que são responsáveis por organizar o quadro funcional desses locais. Mesmo na rede pública, na qual não existem critérios relacionados ao gênero, pois a admissão, de modo geral, ocorre por meio de concurso público, evidencia-se preconceito e discriminação, mesmo ferindo a LDB (BRASIL, 1996). É comum o professor empossado buscar séries mais avançadas, turmas com crianças maiores referentes à pré-escola ou áreas administrativas para trabalhar, pois se sentem intimidados em atuarem com as crianças menores, até mesmo os próprios dirigentes de escolas ou CEINs facilitam o remanejamento desses profissionais, uma vez que, dessa forma, evitam problemas com a comunidade (ABREU, 2002).

O educador B, por sua vez, explicou que sempre foi bem recepcionado desde o início. As dificuldades enfrentadas foram relacionadas apenas à falta de experiência, mas não houve, diretamente, situações de preconceito ou discriminação, apenas alguns eventos de forma indireta. Como menciona o educador, o caso de uma mãe que relatou uma queixa à direção por não gostar de ver seu filho tendo como professor um homem. Porém, de acordo com o entrevistado, foi um fato isolado e superado.

O discurso do segundo professor pode sugerir que, como citado anteriormente neste trabalho, o exercício competente e contínuo da docência, por parte de professores homens na educação infantil, tem ajudado a quebrar alguns tabus antes presentes de maneira mais generalizada entre a comunidade escolar e sociedade de maneira geral. Entretanto, verifica-se também, ao se comparar as duas experiências aqui analisadas, que algumas formas de preconceito ainda permanecem em alguns momentos e contextos específicos, de maneira que desconstruir estereótipos se trata de uma atitude necessária e que só pode ocorrer a partir da discussão engajada desse tema. É importante ressaltar que nem sempre, atitudes discriminatórias são percebidas por aqueles que sofrem esse tipo de violência. O fato de a mulher ser vista como responsável pela Educação Infantil é histórica, uma vez que sua prática vem das construções socioculturais, em que só o sexo feminino possui tal habilidade e cuidado, pois as mesmas nascem com esse dom. (FINCO, 2016).

A sexta questão buscou identificar a existência de atividade ou função as quais os entrevistados não possuem autorização ou autonomia para realizar. O Professor A destacou que, em consenso com a coordenadora da instituição, ficou definido que ele não deveria dar banho e nem limpar as crianças quando precisassem ir ao banheiro. Isso deveria ser feito e, vem sendo realizado, por uma assistente. Por iniciativa própria do entrevistado, também ficou estabelecido que ele evitaria abraçar, beijar e colocar as crianças no colo, justamente para não ser mal interpretado pelos pais. O Professor B relatou que dar banho nas crianças ele não é autorizado, mas atualmente trabalha na pré-escola, na qual não é dado banho nos educandos, porém resalta que na época em que trabalhava no CEIM, isso não era permitido.

Na sétima pergunta os pesquisados apontaram a maior dificuldade que enfrentam para atuar na Educação Infantil. O educador A afirmou ser o preconceito, pois pelo simples fato de ser homem é visto como um esturador em potencial. Esse medo decorre principalmente dos pais de meninas e, pelo menos duas a três vezes no ano há solicitação de pais querendo mudar os educandos de sala.

Já o Professor B explicou que possui bom relacionamento com pais, funcionários e crianças e, aparentemente, não há preconceito em seu ambiente de trabalho. Atualmente, para o entrevistado a maior dificuldade é a falta de recursos didáticos e pedagógicos, pois muitas famílias encontram-se em situação econômica difícil e não conseguem comprar os materiais solicitados no começo do ano. Prosseguindo com seu relato, o educador ressalta que da mesma forma, a escola não fornece todos os recursos necessários para o desenvolvimento das atividades e muitas vezes, os próprios professores compram materiais para as crianças realizarem as atividades.

Pode-se notar nesse caso um grande dilema vivido pelos educadores da atualidade, uma vez que, a Secretaria Municipal de Educação e a Prefeitura cobram das instituições e dos educadores um trabalho e planejamento perfeitos, porém sem fornecer os recursos suficientes para realização das atividades preparadas.

A oitava e última questão buscou analisar se, no exercício da função, os professores já se sentiram discriminados pelo fato de serem homens. O Professor A relatou que todo começo de ano observa um preconceito grande por parte dos pais dos educandos. Por mais que o educador tente se acostumar, afirma que não é fácil a situação. Ressaltou que está realizando outros concursos direcionados ao ensino fundamental ou setor administrativo por que não pretende atuar na Educação Infantil por mais três anos.

Aqui, percebe-se, o quanto o educador A está frustrado com a profissão, principalmente devido às formas de preconceito e discriminação que tem sofrido. Conforme ficou demonstrado, a docência, principalmente no início da formação da criança, é uma função exercida em grande parte por mulheres. "Raramente são encontrados homens em cursos de Pedagogia com habilitação em educação infantil e séries iniciais. Mais incomum ainda é encontrá-los lecionando para séries iniciais e principalmente na educação infantil", explica Araujo; Hammes (2012, p. 7). Essa situação está ligada aos valores que a sociedade muitas vezes impõe aos homens, relacionados à pedofilia, ao homossexualismo e a visão de que cuidar e ensinar é função exclusiva da mulher (ARAUJO; HAMMES, 2012).

Devido às situações de desconfiança e preconceito, os professores do sexo masculino que atuam nas séries iniciais são vítimas das questões relacionadas ao gênero, pois, pelo fato de serem homens, tem sua conduta questionável no modo como tratam as crianças. Assim, muitas vezes o medo de enfrentar essas situações de discriminação afasta o professor do sexo masculino das crianças pequenas, reafirmando o preconceito de que a mulher tem mais afetividade que o homem (RABELO, 2013b).

O Professor B, ao contrário, afirmou que pouquíssimas vezes alguém demonstrou preconceito ou formas de discriminação. Há muito tempo essa ideia de mudar de função partia do próprio entrevistado, pois chegou a pensar que poderia ter um emprego diferente e até sentia vergonha de dizer que era professor da Educação Infantil. Entretanto, atualmente sente muito orgulho de ser educador, sem qualquer constrangimento.

É possível observar, novamente, que a experiência do professor B aponta para caminhos de superação de estigmas e tabus construídos pela sociedade de maneira geral. Tal superação parece o correr lentamente e baseada no gradativo esforço de tais profissionais em demonstrarem sua competência e disposição para lidar com Educação Infantil.

Foi possível observar que o Professor A é o que mais demonstrou sofrer com preconceitos e discriminações, enquanto que o Professor B não apresentou muitos problemas relacionados à sua função e ao fato de ser homem atuando na Educação Infantil. Tal situação pode, inclusive, ser justificada pelo fato do educador A trabalhar no maternal, enquanto o professor B atuar na pré-escola com crianças maiores.

Constatou-se que, muitas vezes, o preconceito ocorre no próprio curso de graduação, no qual a maioria são estudantes do sexo feminino, conforme afirmou o educador A, que diz ter sido o único homem durante o seu curso. O relato citado anteriormente por esse professor pode ser visto também, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, unidade de Dourados, que registrou, desde a criação dessa graduação em 2008, até o presente momento, a matrícula de apenas vinte e um homens, dos quais dois se formaram, conforme quadro a seguir, que apresenta somente as iniciais dos nomes, para que a identidade dos sujeitos seja preservada.

Quadro de discentes do sexo masculino matriculados no curso de Pedagogia da UEMS - unidade universitária de Dourados, com a relação dos concluintes

Acadêmicos	Ano da matrícula*	Ano de colação de grau**
1 C. G. F.	2008	Não concluiu
2 A. A. R.	2009	Não concluiu
3 C. S. O.	2009	Não concluiu
4 F. R. L.	2009	2013
5 L. P. A.	2009	Não concluiu
6 M. A. N.	2009	2014
7 A. B. E.	2010	Não concluiu
8 J. F. L.	2010	Cursando
9 L. F. J.	2010	Não concluiu
10 M. A. R. V.	2012	Não concluiu
11 A. R. C. B.	2012	Não concluiu
12 A. L. Q. T	2012	Não concluiu
13 M. A. C. S.	2012	Não concluiu
14 R. C. S.	2012	Não concluiu
15 E. B.	2013	Cursando

16 M. A. O. S.	2014	Desistente
17 W. S. S.	2014	Desistente
18 C. S. O.	2015	Desistente
19 J. O. S.	2015	Cursando
20 A. R.	2015	Desistente
21 J. A. G. A.	2016	Cursando

Fonte: Coordenadoria do Curso de Pedagogia da UEMS/Dourados-MS

*Informações extraídas do Sistema Acadêmico da UEMS (SAU), disponíveis no módulo coordenação, na opção "listar informações de matrícula". Acesso em julho e agosto de 2016.

** Informações extraídas das atas de colação de grau.

Posteriormente, no desenvolvimento das atividades nas instituições escolares há certas limitações nas funções, principalmente o banho. Notou-se que existe resistência tanto da sociedade quanto da própria escola em aceitar professores na Educação Infantil e, quando são aceitos, tem suas atividades limitadas, o que não acontece quando se trata de mulheres atuando.

As dificuldades encontradas pelos homens para assumirem a docência, principalmente na Educação Infantil, são reflexos de conceitos e ideias cultivadas em uma sociedade que ainda não aceita o homem ocupando um cargo que, normalmente, é realizado pela mulher. Ramos e Xavier (2010) destacam que:

Ainda que o patriarcado tenha chegado ao fim nas sociedades ocidentais e os homens tenham assumido, de maneira menos machista, as atribuições relacionadas aos afazeres domésticos, ao cuidado e à educação dos filhos, há um olhar enviesado para aqueles poucos educadores que assumem, profissionalmente, a docência das crianças pequenas. Mesmo que esses sujeitos consigam desempenhar com desenvoltura essa função, quando passam a atuar nessa etapa da educação básica, ficam sujeitos a uma gama de questionamentos e até mesmo de constrangimentos. (RAMOS; XAVIER, 2010, p. 8).

Mesmo a sociedade sendo marcada pela evolução e pelo modernismo, em que as famílias e as escolas são contra as discriminações, ainda é complexa a aceitação incondicional dos homens atuando na Educação Infantil. Assim, torna-se necessário uma mudança nos valores e considerações a respeito da docência masculina.

7. Considerações finais

Por toda a análise e desenvolvimento teórico feito com base em fontes bibliográficas foi possível constatar que questões relacionadas ao gênero ainda interferem no exercício da docência, principalmente na Educação Infantil. Através dos estudos bibliográficos notou-se que os homens são objetos de preconceitos quando atuam com crianças, preconceitos estes, originados até mesmo nas instituições de ensino superior.

Predomina ainda a ideia de que as mulheres devem ocupar o cargo de educadora, em especial na educação infantil, concepção ligada à família, que a

considera responsável por cuidar e educar as crianças pequenas. Quando um homem ocupa esse lugar, acaba gerando restrições e desconfianças, o que prejudica e, muitas vezes, desanima o próprio professor.

Para que novos educadores homens possam ser formados e, conseqüentemente, atuar na Educação Infantil, é preciso que o preconceito seja combatido desde o início nos cursos de graduação, nos quais se constata que as turmas são constituídas em sua maioria por mulheres. Este fato pode ser o resultado de uma sociedade que ainda discrimina os homens como professores e incentivam às mulheres á docência com crianças pequenas.

Assim, torna-se necessário a mudança de uma cultura discriminatória, seja no ambiente familiar ou social. Tanto os pais quanto às próprias instituições precisam entender e aceitar que o homem também pode desenvolver um relevante papel na Educação Infantil, transmitindo carinho, educação e valores às crianças. Para isso, é importante que o Poder Público promova ações de incentivo e qualificação aos professores, visando aumentar o número de homens na educação infantil, para que assim, ao longo dos anos, a sociedade perceba, como parece já estar ocorrendo em alguma medida, o quanto eles são essenciais às crianças e seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jânio Jorge Vieira de. A inserção do professor do sexo masculino no magistério primário de Teresina (PI). In: Congresso Brasileiro de História da Educação: História e Memória da Educação Brasileira, II, 2002, Natal, Brasil, **Anais...** Natal: 2002.

ARAUJO, Messias Pereira.; HAMMES, Care Cristiane. A androfobia na educação infantil. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 3, n.7, p. 5-20, 2012.

ALMEIDA, Jane Soares del. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval. *et al.* (Orgs.) **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha; RICOLDI, Arlene Martinez. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 259-287, 2012.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 14, n. 3, p. 89-101, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel.; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.



GONÇALVES, Josiane Peres. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério.** 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.

KUHLMANN, Moisés. **Infância e Educação Infantil:** Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In:* DEL PRIORE, Mary (Org.) **História das mulheres no Brasil.** 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. **Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil.** 36ª Reunião Nacional da ANPED, Goiânia-GO, 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2689_texto.pdf Acesso em: 22 abr. 2022.

OLIVEIRA, João Eduardo Bastos Malheiro de. **A necessidade da presença masculina no magistério.** Colégio Porto Real. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2689_texto.pdf Acesso em: 12 jun. 2021.

RABELO, Amanda. Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro – Brasil e Aveiro-Portugal. **Educar em Revista**, n. 48. Curitiba: Editora UFPR, 2013a.

RABELO, Amanda. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 907-925 out./dez. 2013.

RAMOS, Joaquim; XAVIER, Maria do Carmo. A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. **Anais...**, Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277930497_ARQUIVO_Artigo-FAZENDOGENRO-versaofinal.pdf Acesso em: 22 abr. 2022.



SANTOS, Elizabeth Ângela dos. Profissão docente: uma questão de gênero? Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder. **Anais...**, Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em:
http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST8/Elizabeth_Angela_dos_Santos_08.pdf Acesso em: 22 abr. 2022.

SANTOS, Wendel Souza. As relações entre gênero e docência na educação infantil. **Periódico Científico Projeção e Docência**. v. 6, n. 2, 2015.

SAYÃO, Deborah. Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil**: um estudo de professores em creches. 2005. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero na docência. **Cadernos Pagu, Campinas, v. 17/18, p. 81-103, 2002**. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03> Acesso em: 22 abr. 2022.

XAVIER, Antonio Jeferson Barreto. A ausência de educadores do sexo masculino nas creches da cidade de Jequié. III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade. **Anais...**, Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2013.

Recebido em: 24 de janeiro de 2022.

Aceito em: 22 de abril de 2022.

Publicado em: 27 de maio de 2022.